

# Quando a psicoterapia trava\*

Rosalba Filipini\*\*

O livro traz reflexões de doze profissionais psicodramatistas a respeito de um aspecto problemático da prática psicoterápica: o paciente *travado* ou quando a psicoterapia *trava*.

Não poderia deixar de mencionar o prefácio, escrito com maestria por Antonio Carlos Cezarino, que além de realizar uma sinopse de cada um dos capítulos, contribui em muito para a discussão do tema abordado, fazendo uma reflexão política e ideológica sobre a prática da psicoterapia, bem como o caminho de humanização e modernização do atendimento ao paciente psíquico.

Nesse livro, as posturas são variadas, apesar de todos os autores pertencerem à mesma constelação psicodramática, como disse Cezarino. A singularidade de cada capítulo reflete as diferenças do tipo de formação, de anos e lugares de prática, de posturas teóricas, filosóficas e até mesmo do exercício de refletir e pesquisar sobre a psicoterapia.

A seguir, encontra-se um apanhado geral das idéias de cada um dos autores, seguindo a ordem original do livro.

Marina Vasconcelos, a mais jovem terapeuta desse grupo de profissionais e organizadora desse livro, traz uma definição do paciente travado, considerando-o aquele que não fala, silencioso, reticente, resistente, extremamente tímido e assim por diante. A autora ressalta que o objetivo do livro é explorar as diferentes situações de “travamento” do processo psicoterapêutico. Discorre sobre sua prática e arrisca afirmar que, na maior parte das vezes, a dificuldade se encontra no terapeuta. Vasconcelos oferece algumas sugestões que vêm ao encontro do objetivo maior da terapeuta – trazer o cliente para o trabalho da forma mais intensa possível, sendo ele o condutor ativo do processo psicoterápico.

Alexandre Saadeh, de forma sucinta, fala da arte do relacionar-se. Foca nos pacientes que falam pouco, trazem pouco conteúdo, mas não faltam às sessões, observam, escutam e estão sempre atentos. Mais importante que o conteúdo e a história revelada na sessão, é a vivência que surge na relação terapêutica. Diferente

---

\* Marina da Costa Manso Vasconcelos (organizadora). *Quando a psicoterapia trava* São Paulo: Ágora, 2007

\*\* Psicóloga, Psicodramatista, Doutoranda em Psicologia Clínica pela PUC-SP; Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP; Professora Supervisora pela Febrap; Professora do curso de Formação em Psicodrama do convênio SOPSP-PUC.

de alguns autores, aponta que a ajuda de um objeto intermediário bloqueia a possibilidade de atingir o objetivo da sessão. É o contato humano que propõe e conclui que a tarefa que o psicoterapeuta enfrenta é o servir.

Chistina Freire traz sua experiência com o “somatodrama”: onde o encontro terapeuta-cliente se dá no plano subjetivo, na vivência psicossomática. O corpo está subjetivado. O indivíduo tem dificuldade em comunicar suas emoções porque elas são reveladas em forma de sintomas corporais. Na sua concepção, a consciência corporal e resgate das emoções dar-se-ão por meio das percepções táteis, sinestésicas e visuais. Para isso, Freire desenvolveu alguns manejos e técnicas que têm origem no psicodrama e também em outras abordagens teóricas.

A autora enfatiza que as expressões somáticas serão sempre a porta de entrada ao mundo interno do indivíduo e que, com manejos e técnicas adequados, o referido “paciente difícil” não existe.

Heloisa Junqueira Fleury desenvolve em seu artigo o impacto da vergonha para discutir sobre o paciente *travado*. Para a autora o cliente travado é caracterizado pelo distanciamento em relação ao mundo interno, que é provocado por mecanismos de evitação de sentimentos, onde a vergonha é um dos principais sentimentos. Fleury descreve a vergonha como uma forte emoção desencadeada por ações que levam à auto-exposição, acompanhada de pensamentos e sentimentos negativos. Vergonha e culpa estão geralmente inter-relacionadas. Nos processos terapêuticos com grupos de mulheres, Fleury observou que o desenvolvimento de auto-empatia as auxiliava a lidarem e elaborarem esses sentimentos, por meio da exposição completa da sensação de inadequação sem a condenação e rejeição que espera dos outros e de si mesmo. A autora apresenta recortes de sessões chamando a atenção para um dos principais pontos para com o cliente travado, que é o modelo relacional proposto. Considerando o psicoterapeuta na pós-modernidade, Fleury reafirma que o processo de transformação é uma construção conjunta e que o primeiro cuidado do psicodramatista é reconhecer sua própria angústia para poder aproximar-se e reconhecer os sofrimentos do cliente travado.

Marcia Almeida Batista, considera o tema do *paciente travado* ou da terapia que *trava*, contraditório a tudo o que tem ensinado até então aos seus alunos do curso de formação em psicodrama. Para ela, a psicoterapia deve abrir espaço para uma resposta à situação única daquela sessão. Esse é o referencial psicodramático, que tem como eixo de ação o espontâneo-criativo, que permite ao terapeuta se aprimorar durante toda a vida, permitindo a entrada do novo, do não pensado e do inusitado. Dessa forma, a autora opta por refletir sobre o que chamou de *paciente perfeito*: aquele que se encaixa em nossa teoria e nossa técnica, mas não cria a tensão do nunca vivido. Exerce o papel de maneira pouco espontânea e criativa, mas perfei-

tamente dentro do esperado pelo terapeuta, já que é isso que ele acredita que deve fazer, seguindo os padrões socioculturais. Aos poucos, as mudanças vão se tornando raras e o processo interminável. A relação psicoterápica é de co-responsabilidade e assim, a função da terapia é a de possibilitar que a transformação do indivíduo realmente aconteça.

Maria Amália Faller Vitale, terapeuta de casal e de família, da mesma forma que Fleury, diz que conhecer a vergonha, reconhecer suas implicações, perceber suas ressonâncias são desafios próprios do papel do terapeuta. A vergonha, no âmbito dos sentimentos, representa de forma mais intensa a relação entre o homem e a sociedade. Também é um sentimento visível, e por isso, um sentimento moral inibidor, que restringe a ação, encolhe o corpo, produz silêncio. A cultura da vergonha é, portanto, a cultura da culpa. Para essa discussão, são consideradas contribuições psicanalíticas e analisadas as diferentes proposições a respeito da vergonha e da culpa. No processo terapêutico, a vergonha nos paralisa e o terapeuta pode recorrer às suas próprias experiências de vergonha para desenvolver a capacidade de inversão de papéis na psicoterapia psicodramática. A vergonha também protege os sujeitos na relação, podendo envolver segredos. Vitale oferece sugestões de trabalho e diz que o “olhar do outro” que envergonha pode ser recriado com sensibilidade no contexto dramático, possibilitando a transformação das relações.

O psiquiatra e psicodramatista Mário Costa Carezzato orienta-se por um modelo próprio e eclético para compreender e trabalhar com os considerados casos difíceis. Em sua compreensão, a dificuldade está sempre na relação e não no paciente e é essa dificuldade o seu objeto de trabalho. A sessão de psicoterapia desenrola-se pela decodificação daquilo que está inconsciente na relação e na apreensão da subjetividade. Para o autor, a clínica dos casos difíceis: *casos-limite (borderlines)*, os *distúrbios do narcisismo* (incluindo as toxicomanias e perversões) e os *distúrbios alimentares*, trazem consigo um desafio no atendimento, não só por necessitarem de inovação na técnica de trabalho, mas também por exigirem um comprometimento pessoal mais intenso do psicoterapeuta. A partir desses conceitos, Carezzato apresenta *vinhetas* de casos, nos quais discute a relação terapêutica difícil que se apresenta em cada um sob perspectivas metodológicas diversas.

Milene De Stefano Féo, de um jeito simpático e descontraído, reflete sobre o paciente difícil a partir de um caso. Os movimentos e emoções evocados na relação são discutidos inicialmente sob a luz do filósofo Nietzsche e ela diz que a trava para o trabalho costuma ocorrer quando o terapeuta nega sua experiência sensível ou sua responsabilidade na atuação profissional. Quando o terapeuta desenvolve a capacidade de se manter imerso na experiência da relação, ele pode contemplar o encontro terapêutico, decidir quais intervenções fará e o cliente será chamado à

responsabilidade de co-construir esses sentidos compartilhados. O diretor de psicodrama e sua equipe têm condições de realizar um trabalho sem travas sempre que puderem desenvolver certo amor pelo caos e assumir funções capazes de acolher o mistério e a dúvida.

Moysés Aguiar escolhe a terapia como tal para discutir as dificuldades de um trabalho psicoterapêutico que parece não frutificar. Considera a ajuda profissional um ato político, que implica uma relação de poder e que se traduz nas microações do cotidiano. De forma apaixonada, Aguiar constrói e expõe seu pensamento e a discussão é colocada para mostrar a complexidade da construção da relação terapêutica: a intersubjetividade humana. Fala da necessidade de uma “cidadanização” da terapêutica que de alguma forma é oferecida pela psicoterapia psicodramática, pois ela se caracteriza pela proposta de construção de um projeto co-participativo.

Com o título “Para uma dramatização bem-sucedida”, Rosa Cukier expõe de forma didática e clara os passos que considera importantes na psicoterapia psicodramática bipessoal, realizando, como bem disse Cezarino no prefácio do livro, o sonho de todo jovem psicodramatista que traz para as supervisões a pergunta: o que fazer com o cliente difícil que não aceita dramatizar? Cukier desenvolve suas idéias em tópicos, apresenta tabelas explicativas sobre situações terapêuticas e as técnicas diversas. Enfatiza o trabalho com a criança interna do adulto, que realiza por meio da cena regressiva: *locus* das dificuldades do paciente. Em todo o percurso de seu trabalho, Cukier parece não se preocupar com o paciente difícil ou resistente e termina seu artigo compartilhando que todos os terapeutas e diretores de psicodrama podem ter inseguranças e medos – esse é mais um grande incentivo e acolhimento aos jovens terapeutas.

Para Sergio Perazzo o paciente *travado* é fechado em si mesmo e para ilustrá-lo traz a figura dramática de Mr. Multilock: um sujeito que por ser tão desajeitado exige manobras complicadas por parte do terapeuta para tentar remover uma daquelas travas de aço antifurto de automóveis. Esse fechamento, *trava*, se traduz em solidão e aí está a função do terapeuta – fazer a ponte entre o isolamento e o mundo. Para o autor, o que mais lhe chama a atenção no paciente *travado* é o estereótipo que ele carrega em suas diversas relações: falta-lhe espontaneidade em seus mínimos movimentos existenciais, está preso a conservas culturais e é a antítese da criatividade. Reconhecer e caracterizar a construção dessa trava é importante – configura um personagem conservado que está imerso em um conjunto transferencial e que leva o sujeito à condição de solidão.

Wilson Castelo de Almeida enfatiza que para ele o psicodrama é uma proposta a ser realizada sempre em contextos grupais e que, pelo viés do método fenomenológico-existencial, denomina seu trabalho clínico diálogo terapêutico. O

silêncio por parte do paciente foi o tema escolhido por ele sobre o paciente difícil ou *travado* já que a representação verbal, a fala, é a explicitação da qualidade de humanização das relações da díade paciente-profissional. O silêncio ou a indisposição do cliente em comunicar-se pode ter conteúdos conscientes e inconscientes. Almeida discute brevemente o tema no estudo da sintomatologia neurótica da infância, no adolescente e na relação terapêutica. No diálogo terapêutico, o terapeuta é um ouvinte por excelência, falando pouco, essencial e pontualmente. A despeito disso, algumas técnicas são utilizadas para o manejo dessas situações. Para finalizar o seu pensamento e contribuições, Almeida escreve sobre o jeito psicodramático de ser terapeuta.

O livro é interessante e vale a pena ser lido tanto pelos jovens quanto pelos “veteranos” psicoterapeutas. Temos aqui a reflexão dos doze psicodramatistas que contribuem cada um com sua forma de entender e fazer psicoterapia. O paciente difícil, *travado*, ou quando a psicoterapia *trava*, são muito discutidos em superviões ou grupos de colegas terapeutas, porém, a bibliografia ainda é escassa. Essa iniciativa é louvável, pois a discussão pode ser compreendida como mais uma forma de se ampliar e democratizar o pensamento e a prática psicoterápica.